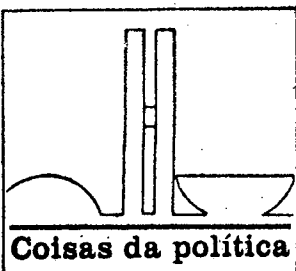


Antônio Carlos, Sarney e a subemenda das diretas

UM amigo do ex-Governador Antônio Carlos Magalhães, preocupado com a intensidade dos ventos que sopram do Palácio do Planalto e que até aqui só têm servido para inflar a candidatura do Deputado Paulo Maluf, indagou do administrador da grande empresa política



baiana se ele engrossaria a dissidência do PDS no caso de a situação persistir. Sem pensar duas vezes, Antônio Carlos respondeu que esperava mudanças radicais no panorama sucessório antes de julho chegar, mas não escondeu: "Se as coisas continuarem como estão, eu não irei para a dissidência não. Já estou nela".

Há receios, realmente, no Palácio do Planalto, sobretudo de figuras que sonham com a prorrogação — ou da reeleição por um período curto — do mandato do Presidente João Figueiredo, que ao grupo do Vice-Presidente Aureliano Chaves se somem correntes expressivas no PDS como as que seguem o comando do ex-Governador Antônio Carlos Magalhães e do Senador José Sarney. Tanto num caso como no outro, a única garantia para o Governo de que Antônio Carlos e Sarney não encostarão as suas grandes e expressivas embarcações no cais dos descontentes, pelo menos até a convenção partidária de 2 de setembro, seria um claro investimento de Figueiredo na candidatura Mário Andreazza.

No Rio, ontem, Antônio Carlos esperava exatamente sinais de mudanças para repensar ou não toda a sua estratégia política. Uma estratégia que é imutável quanto ao apoio a Andreazza, sejam quais forem as circunstâncias futuras, daqui até a convenção. Mas que o liberarão de qualquer compromisso com o partido, se os convencionais do PDS resolverem sepultar as pretensões sucessórias do Ministro do Interior. Antônio Carlos vai tentar um encontro amplo com o Presidente da República, nas próximas horas, para uma análise profunda dos últimos acontecimentos políticos, sem demonstrar a existência de qualquer sentimento mais forte de impaciência nas suas bases. O faro próprio dos líderes faz, no entanto, com que o ex-Governador da Bahia compreenda que o seu forte rebanho não pode ficar sujeito a sustos inesperados no curso de uma longa e importante travessia. A situação baiana em tudo se parece com a maranhense e o Senador José Sarney, desde que abandonou a presidência do PDS, parece vagar em mar bravio sem ânimo — ou sem forças para espantar os travessos fantasmas da intolerância política que

habitam o Palácio do Planalto e se espalham com muita rapidez pelos mais expressivos arraiais partidários. Um desses fantasmas, por sinal, levou Figueiredo a escrever uma segunda carta a Sarney — na primeira o Presidente retirava seu apoio à idéia das prévias —, esta em tons bastante áspers.

Não é difícil imaginar o rumo que seguirão Antônio Carlos e Sarney se o Governo continuar a negar um mínimo de sustentação à candidatura de seu Ministro do Interior. O apoio a um candidato oposicionista, da seriedade de Tancredo Neves, poderia ser uma boa saída para ambos. Mas, antes de pensarem em se associar a outras peças políticas importantes dentro do universo já feito em cacos do PDS, o ex-Governador baiano e o Senador maranhense podem, por falta absoluta de condições para se comporem com o Deputado Paulo Maluf, sair para a defesa da subemenda que prega as diretas já e que orna, sem maiores chances de aprovação através do instituto do destaque de votação, a proposta de reformas constitucionais de Figueiredo.

Dirão que Antônio Carlos e Sarney só teriam condições de ajudar a subemenda das diretas já, na Câmara dos Deputados, porque é mínima a influência de ambos sobre o Senado. No Palácio do Planalto, tremem todos, porém, à simples menção de uma possibilidade como essa. É que o Senado, no caso, ficaria à mercê de fortes campanhas populares e seria difícil a suas figuras de posição mais liberal, como o alagoano Luís Cavalcanti, o gaúcho Carlos Chiarelli, o sergipano Albano Franco, o sul-mato-grossense Marcelo Miranda, o alagoano Guilherme Palmeira, o pernambucano Marco Maciel, o mineiro Murilo Badaró e o fluminense Amaral Peixoto, permanecerem insensíveis aos crescentes apelos que voltariam a brotar das ruas em favor do voto direto.

Um fiel seguidor do ex-Governador da Bahia revelou, na madrugada de segunda-feira, quando o PDS buscava ainda maiores explicações para a violenta crise que levou Sarney a renunciar à presidência do partido, que Antônio Carlos não escondia dos que procuravam saber o que ele pensava dos últimos acontecimentos, o desabafo de que não estava disposto a nadar, nadar, para morrer na praia. Traduzido ao pé da letra, segundo o mesmo informante, o desabafo queria indicar o provável retorno de Antônio Carlos às suas antigas origens oposicionistas. Origens que poderão levá-lo, daqui a pouco, a juntar sua voz a tantas outras que tentam, pelo menos, num ambiente de crescente confusão, sustar novos e fortes impulsos continuistas.

ROGÉRIO COELHO NETO

Subeditor de Política do JORNAL DO BRASIL